



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**EVA MAIA LEITE**

**A UTILIZAÇÃO DO HIP HOP COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA  
ESCOLA ESTADUAL ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR  
JOSÉ BAPTISTA DE MELLO: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS NA  
PRÁTICA DOCENTE**

**JOÃO PESSOA/PB  
JULHO DE 2014**

**EVA MAIA LEITE**

**A UTILIZAÇÃO DO HIP HOP COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA  
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR  
JOSÉ BAPTISTA DE MELLO: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS NA  
PRÁTICA DOCENTE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de especialista

Orientadora: Profa. Ms. Izandra Falcão Gomes

**JOÃO PESSOA/PB  
JULHO DE 2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L525u Leite, Eva Maia

A utilização do Hip Hop como mediação pedagógica na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello: [manuscrito] : possibilidades de mudanças na prática docente. / Eva Maia Leite. - 2014.  
43 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.

"Orientação: Profa. Mestre Izandra Falcão Gomes, Departamento de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas".

1. Movimento Hip Hop. 2. Mediação Pedagógica. 3. Pluralidade Cultural. I. Título.

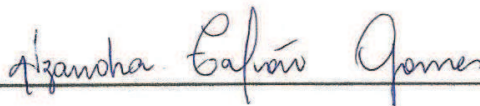
21. ed. CDD 371.33

EVA MAIA LEITE

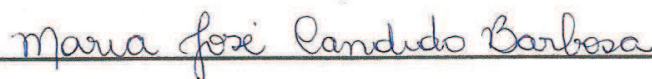
A UTILIZAÇÃO DO HIP HOP COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA  
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR  
JOSÉ BAPTISTA DE MELLO: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS NA  
PRÁTICA DOCENTE

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do título  
de especialista.

Aprovada em



Profa. Ms. Izandra Falcão Gomes/UEPB  
Orientadora



Profa. Ms. Maria José Candido Barbosa/SEMJP  
Examinadora



Profa. Ms. Aluska Peres Araújo /UEPB  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

Dedico a Deus por ter me dado equilíbrio e determinação para ao longo de toda minha trajetória acadêmica apesar de ter vivenciado muitas tribulações guiou-me até aqui, concluindo mais um sonho.

Dedico a meus pais Nilson Xavier Leite e Dalva Maia Leite (*in memoriam*) carinhosíssimos, que tiveram a preocupação com meus estudos sempre presentes e disponíveis a tudo que precisava para frequentar boas escolas e ter ótimos professores.

Dedico a minha querida madrinha “Tetinha”, Maria Francisca da Fonseca (*in memoriam*) que me ajudou incondicionalmente na minha vida e na criação de meus filhos podendo assim frequentar e terminar um curso superior.

Dedico a meus filhos, Priscila Maia Leite Paiva, Lucas Maia Leite Paiva e Gabriela Maia Leite Pinangé e ao meu companheiro Adriano Batista Brito que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando na busca infinita pelo saber.

Dedico a todos e todas que perderam suas vidas e aos que vivem lutando pela Democracia e Liberdade das pessoas excluídas do nosso país.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tudo que Ele fez e faz em minha vida.

À minha orientadora a Professora e Mestra Izandra Falcão pelo compromisso, paciência e maravilhosa orientação.

A todas e todos os professores e funcionários do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba.

A meus amigos professores Fernando Oliveira e Debora Carvalho que me incentivaram sempre a continuar nas horas que pensei em desistir, me ajudaram com indicação de boas leituras e na correção.

Ao grupo de rappers Menestréis - MCs, Matheus Diniz da Silva, Anderson Henrique, Glayson Soares de Souza Silva, Jean Galdino da Silva, Edgar A. Silva dos Santos, Daniel Cardoso da Silva Filho, Pedro Ricardo Aguiar dos Santos, Eliomar, Douglas, Fernando Avelino, Pertnaz, Profeta Rique SJS, Peter Fé e Remerson do Movimento *Hip Hop* que contribuíram participando do questionário, músicas e apresentações.

## RESUMO

O Movimento *Hip Hop* conquistou os jovens do nosso país e do estado da Paraíba nos anos 1980 com influência afro-americana, refletindo e articulando as discussões sobre direitos humanos. Juntos materializaram uma forma de resistência e luta da juventude contra a violência policial, discriminação racial, desemprego, falta de perspectiva, e a facilidade do contato com o mundo das drogas. Nesse trabalho monográfico estudamos a influencia do movimento *Hip Hop* norteados pela questão: porque os professores não utilizam as letras de rap como mediação pedagógica? Essa pesquisa tem como objetivo analisar a produção musical da cultura *Hip Hop* de João Pessoa vendo neste a possibilidade de mediar o processo educacional na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Baptista de Mello. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa empírica, qualitativa, trata-se de um estudo de caso. Como resultado do estudo confirma-se o distanciamento dos docentes em relação a esta manifestação das juventudes.

**Palavras chaves:** Movimento Hip Hop, Mediação Pedagógica, Pluralidade Cultural

## **ABSTRACT**

The Hip Hop Movement conquered the youth of our country and the state of Paraíba in the 1980s with african-american influence, reflecting and articulating the discussions on human rights. Together, materialize a form of resistance and struggle of youth against police brutality, racial discrimination, unemployment, lack of perspective, and the facility of contact with drugs. In this paper, we study the influences of the Hip Hop movement considering the question: why teachers do not use rap lyrics as pedagogical mediation? This research aims to analyze the musical production of culture Hip Hop in João Pessoa considering its ability to mediate the educational process at Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Baptista de Mello. This work is characterized as an empirical, qualitative research, it is a case study. As a result of the study, we confirmed the detachment of teachers in relation to the outbreak of youths.

**Keywords:** Hip Hop Movement, Pedagogical Mediation, Cultural Plurality



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	10
1.1 A trajetória da pesquisadora	10
1.2 A pesquisadora, a professora e o fenômeno motivador da pesquisa	13
1.3 Delimitação do tema e do objeto de estudo	16
1.4 O caminho teórico metodológico: o fazer da pesquisa	17
1.5 Objetivo Geral e Objetivos específicos	19
1.6 O campo de pesquisa e sujeitos	19
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	20
2.1 As Juventudes e a escola	20
2.2 A centralidade da cultura Juvenil dentro dos Parâmetros Curriculares	22
2.3 A música, o Hip Hop como manifestação das juventudes na contemporaneidade: situando historicamente.	25
<b>3. ANÁLISES</b>	26
3.1 Caracterizações do campo	26
Bairro de Mangabeira	28
Histórico da Escola	29
Perfil dos alunos do 3º ano do ensino médio	29
3.2. Entrevistas: Categoria 1 – Alunos <i>eRappers</i>	29
Categoria 2 - Professores	31
<b>4. REFLEXÕES FINAIS</b>	33
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	35
<b>6. ANEXOS</b>	37

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1. A TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA**

Nasci na cidade de Belém no Estado do Pará, localizada na região norte do país. Meu pai Nilson Xavier Leite Sargento reformado da Marinha Mercante do Brasil e depois da aposentadoria trabalhou na Polícia Federal da Paraíba como Telegrafista. Minha mãe Dalva Maia Leite era enfermeira formada, mas não exerceu a profissão por muito tempo, após o casamento e três filhas, dedicou-se a casa e a família.

Estudei em boas escolas públicas e privadas, tive ótimos professores, que tinham características tradicionais internalizados em função dos costumes da época, mas quando passei no primeiro vestibular que fiz em 1980 para História na Universidade Federal da Paraíba, me deparei com a nova linguagem. A História factual que tinha aprendido na escola não era igual à História que a universidade estava ensinando envolvida com a sociedade, economia, política e a cultura dos povos. Os conceitos de socialismo, direitos humanos, discriminação, preconceito e cidadania foram internalizados na vida de estudante universitária, ensinamentos realçados com o fim da ditadura militar derrubada pela luta, vida e sacrifício de milhões de brasileiros.

Durante a graduação investi nas leituras e desenvolvi o primeiro projeto de pesquisa como exigência de disciplina métodos e técnicas de pesquisa, planejei e participei de seminários em diversas disciplinas junto com outros colegas do curso, ministrei aulas, como exigência da disciplina prática de ensino, participei de congressos, encontros, mobilizações, reuniões do CA e DCE, entre outras. A universidade me mostrou a importância de trabalhar com o aluno dentro de um contexto social, facilitando o aprendizado das regras de um mundo tão complexo.

Descobri que o caminho para a transformação social estava apenas começando na minha vida. Conclui a graduação em 1983.

Comecei a trabalhar em 1985, no quadro permanente do Estado como professora de História no Ensino Fundamental e Médio e Organização Social e Política Brasileira na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Prof.<sup>a</sup> Francisca Ascensão Cunha (FAC) no Bairro dos Bancários, nesta fiquei quatorze anos. Lembro-me, nesta época, que usava com frequência as fitas de vídeo da TV escola para auxiliar a falta de livros.

Na escola citada, a maioria dos alunos morava na favela do Timbó, local sem saneamento básico, residências de taipa, local com sérios problemas de infraestrutura, quando chovia muito, várias famílias ficavam desabrigadas. Ensinar cidadania, ética, respeito ao outro num quadro social onde o trabalhador desestimulado pela falta de compromisso do governo com o povo, onde os índices de pais desempregados são altos, onde falta à alimentação básica, remédios, material de higiene, carinho e amor, é um desafio. Ao mesmo tempo a prática da sala de aula é fascinante porque o educador sensível aos problemas de seus alunos pode problematizar estas questões, torná-la currículo, adequá-lo ao seu plano de curso e reforçar a ideia de igualdade de oportunidades para todos.

Em 1986 me matriculei no Mestrado de Ciências Sociais, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes na Universidade Federal da Paraíba, como aluna especial, mas pela necessidade financeira não pude recusar ao convite da professora Ana Maria Queiroga, coordenadora do mestrado na época, para trabalhar na pesquisa que ela desenvolvia sobre as “Frentes de Emergências da Paraíba”. Trabalhei por um ano em transcrições de fitas, levantamento em periódicos e bibliográficos, fichamento de livros, artigos e trabalhos entre outras atividades. Trabalhava os dois horários (manhã e tarde) para essa pesquisa, ficando inviável a dedicação na academia, logo tranquei a matrícula de aluno especial e o sonho do mestrado foi adiado.

No ano seguinte, 1987, recebi uma Bolsa do CNPq na modalidade aperfeiçoamento da pesquisa Movimentos Sociais Urbanos e Estados do Nordeste do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade da Paraíba. A pesquisa foi ampliada aos enfrentamentos sociais urbanos, as atividades desenvolvidas eram idênticas as da primeira pesquisa, em 1988 concluí essa etapa.

No mesmo ano ingressei no Curso de Especialização em Pesquisa Educacional ministrado na Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, no qual desenvolvi estudo científico intitulado: “Capacidade de atendimento das escolas públicas e privada do 1º e 2º graus do estado do Ceará”, seria um capítulo de um projeto sobre o nordeste.

Em 2000, fui convidada a assumir o cargo de Diretora Adjunta da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello, prédio ainda em construção na época, fato que atrasou o início do ano letivo que começou em Maio de 2000. Nesta escola, o grupo gestor do qual participava foi pioneiro, construímos o início da história desta escola, isso me fascinava, poderíamos elaborar

planos, estratégias coletivas, avaliações inovadoras, reuniões, debates, cursos. Foi um exercício também de receber críticas e torná-las alimento para mudanças, porque quando bem feitas servem para engrandecer possíveis deslizes, ate porque éramos todos marinheiros de primeira viagem na gestão.

Começamos a fazer matrículas receber funcionários e professores, fizemos reuniões, registramos o Conselho Escolar escolhido pela comunidade, elaboramos a Proposta Pedagógica e o Regulamento Interno em reuniões cuja participação da comunidade foi efetiva. Toda essa construção ficou registrada no primeiro livro de ata da escola. Tivemos momentos delicados como greve, professores e funcionários chegando aos poucos e se adaptando ao seu novo local de trabalho, trabalhar com limite de recursos humanos, material de expediente, material didático, mas a equipe apesar de iniciantes no cargo de gestores tinha sede de acertar e fazer o melhor.

No período de 2000 a 2002, ensinava História no turno da manhã e nos outros horários cumpria o expediente de Adjunta. Nesses anos fiz dois cursos na ESPEP que me ajudaram muito profissionalmente: Elaboração de Projeto de Pesquisa e Introdução a Informática. Incentivada pelas leituras empenhei-me em construir projetos que, de alguma forma, contribuíssem para o fomento da leitura e da utilização dos espaços da escola, dentre estes: Projeto de incentivo à leitura na biblioteca escolar (2001), Pátio: lugar de brincar e aprender (2002), Orientação psicossocial ao educando (2003). Executamos os projetos simultaneamente durante a gestão, tentando fazer um trabalho transparente voltado para o coletivo, mas não foi fácil, ouvia-se por parte dos professores que os projetos geravam mais trabalho para eles.

Na sala de aula, utilizando fundamentos da interdisciplinaridade, elaboramos um plano de aula com História e Artes com o tema Anos Rebeldes. Com esse tema chamávamos atenção especial para reflexão dos valores, ideais de vida, perspectivas, incentivando o estudante a repensar sua própria geração. Além estudar e debater os textos em forma de seminário, assistir filmes, escutamos música da época e analisamos o significado de suas letras e atitudes contestadoras. Foi um trabalho enriquecedor para os professores e alunado que tiveram contato com vários temas como a rebeldia jovem, os negros e a luta pelos direitos civis, através de pesquisas adquiriram conhecimento sobre Martin Luther King e Malcolm X, o Tropicalismo, a questão das drogas e morte de grandes ídolos da época como: Jimi Hendrix, Janis Joplin, Elis Regina entre outros. Ao trazer estas questões para o debate visualizávamos a possibilidades dos jovens alunos refletirem sobre a amizade e o egoísmo estimulado pela sociedade capitalista.

No final de 2002 fizemos eleição direta para os cargos de Diretor e Diretor Adjunto com mandato de dois anos. Fui convidada a participar de uma das chapas, formamos a chapa “Escola cidadã, depende de nós” com o objetivo geral de desenvolver nos alunos do Ensino Fundamental da escola pública os hábitos básicos de cidadania de forma democrática e integradora (escola, família e comunidade), passamos pelo processo eleitoral e vencemos.

A nossa proposta pedagógica foi elaborada com a preocupação de trabalhar a cidadania, respeito e ética. No período de 2003 e 2004, a escola ofereceu aulas de Xadrez, Iniciação musical, Violão Clássico e Popular, Capoeira, Coral, todos inteiramente grátis, ligados a parcerias de projetos feitos pela escola e comunidade. Vale ressaltar a parceria com outras instituições da rede privada que na época, visitavam e escolhiam uma escola pública para uma cooperação pedagógica.

No cargo de Diretora-Adjunta por seis anos seguidos (2000 a 2006), somado aos de professora, fui observando o envolvimento de alunos da escola em várias manifestações que ocorriam naturalmente no ambiente escolar. Neste contato direto me chamou a atenção a atração que os jovens sentiam pelo rap, sobre esta nova etapa falaremos no subitem seguinte.

## **1.2. A PESQUISADORA, A PROFESSORA E O FENÔMENO MOTIVADOR DA PESQUISA.**

O Cotidiano Escolar é um espaço diverso, complexo e incansavelmente movimentado. Para nós, professores que diariamente circulamos pelo ambiente escolar, é uma oportunidade de acompanharmos as mudanças e as manifestações culturais das juventudes. Neste movimento diário fui observando os grupos tornarem visíveis suas novas opções musicais, principalmente àquelas ligadas ao movimento *Hip Hop*.

Ao ver, logo pensei em entender melhor a linguagem destes jovens que participam do movimento. Iniciei um trabalho de acompanhamento aos alunos, dando atenção as suas composições musicais e me inteirando da sua linguagem, da forma de vestir, de agrupar-se a outros jovens. Percebi que o conteúdo expressado nas letras relatava histórias de sofrimento de sua comunidade, incentivavam a permanência na escola, denunciavam a discriminação, aconselhavam a não se evadir, incentivavam

reflexões sobre cidadania. Assim retrata um trecho da musica de autoria de Peter Fé MC do grupo de rap Menestréis:

Preconceito é foda, barreira que incomoda,  
Mais eu sou nordestino! Então respeita minha prosa  
Falo o que acredito contra o vento insisto,  
Mangabeira é sinistro, mais eu nunca desisto,  
Me mantenho de pé, vencendo o que me abate  
Guerreiro ou Guerreira levanta pro combate,  
Lutar é uma parte, vencer é a conquista. (PETER, 2013)

Simultaneamente fui percebendo que, mesmo com letras interessantes, do ponto de vista político os professores pouco se interessavam pelo o estilo musical e algumas até mesmo mantinham distancia deste tipo de manifestação.

Fui me interessando pelo tema e a partir deste interesse foram surgindo alguns questionamentos: *Por que os professores não utilizam as manifestações do movimento Hip Hop como mediação das suas praticas na escola? Em que medida este estilo musical pode colaborar com as praticas docentes e até mesmo (re) conquistar esse aluno para a escola?*

Tomada por esse espirito contagiante do *Hip Hop*, continuei me capacitando e em 2012 fiz o curso “A Cor da Cultura”, onde estudamos a importância das Leis 10.639 e 11.645<sup>1</sup> que tratam da inclusão no currículo oficial da temática “História e Cultura Afro-brasileiro e Indígena”, e a educação das relações étnico-raciais. Fui professora facilitadora na efetivação do projeto na escola, além de trabalhar o tema com textos literários, vídeos, slides, ampliamos criando projetos contínuos na escola.

---

<sup>1</sup> Lei 10.639/03: Visa fazer um resgate Histórico para que as pessoas negras afro-brasileiras conheçam um pouco mais o Brasil e melhor a sua própria história. Produzir conhecimentos, atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto á pluralidade étnico racial. Maiores esclarecimentos acessar: africanidadesaracaria. blogsport.com. Lei 11.645 altera a Lei 10.639 estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. Maiores esclarecimentos acessar: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007\\_201](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007_201).

Atualmente estou como professora articuladora do projeto do governo do estado “Se sabe de repente”<sup>2</sup> que apoia à expressão juvenil, valorizando o jovem como protagonista dentro e fora da escola. No acompanhamento deste projeto é possível verificar o impacto positivo na comunidade escolar como um todo. O projeto valoriza as opiniões de jovens e possibilita a participação e permanência deles no projeto. Tem como metodologia um encontro por semana em horário oposto ao regular. Este ano estamos traçando metas na tentativa de montar a radio da escola (uma comprada com o PDE<sup>3</sup> e outra doada pelo governo federal) e a criação de um programa.

Conhecendo bem as demandas da sociedade contemporânea e as habilidades que a juventude tem desenvolvido a partir dos avanços das novas tecnologias aderi ao processo formativo do Proinfo<sup>4</sup> Integrado, constituído por três cursos integrados e articulados entre si: Introdução à Educação Digital (60h), Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TICs (60h) e atualmente cursando a Elaboração de projetos (40). O curso citado tem a finalidade de promover à inclusão digital de professores e gestores escolares dos sistemas públicos de ensino, bem como contribuir para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem por meio do uso crítico e criativo das tecnologias da informação e da comunicação. Como atividade final do curso, apresentei um plano de aula onde utilizo as músicas de Gabriel o Pensador e Renato Russo, sobre o tema Revolução Industrial e o Trabalho na atualidade. Este plano foi desenvolvido com a turma do 3º ano do Ensino Médio e eles escrevem versos rimados sobre análise das letras. O resultado dessa atividade rendeu excelentes rimas.

---

<sup>2</sup>Se sabe de repente: Trabalha com a metodologia CAPS, (Conhecimento, Atitude, Prática) partindo da noção de que a maneira como nós conhecemos o mundo e a maneira como nos comportamos afetam a nossa realidade e a das pessoas que nos cercam. O projeto de Apoio à Expressão Juvenil faz parte do Plano de Gestão Paraíba Faz Educação em 2011, o principal objetivo é desenvolver espaços pedagógicos de discussão de temas importantes para os jovens de modo a permitir formas próprias de interação, expressão e participação dos diferentes juventudes na sociedade. Incentivando o protagonismo juvenil na contribuição de diminuir a vulnerabilidade às drogas, ao crime, a violência e a exclusão social. Para saber mais consultar: [www.paraiba.pb.gov.br/67843/governo-do-estado-lanca-projeto-se-sabe-de-repente.html](http://www.paraiba.pb.gov.br/67843/governo-do-estado-lanca-projeto-se-sabe-de-repente.html).

<sup>3</sup> PDE: Plano de Desenvolvimento da Escola é uma ferramenta gerencial que auxilia a escola a realizar melhor o seu trabalho; focalizar sua energia, assegurar que sua equipe trabalhe para atingir os mesmos objetivos, avaliar e adequar sua direção em resposta a um ambiente em constante mudança. Maiores informações: [portal.mec.gov.br/index/pde](http://portal.mec.gov.br/index/pde).

<sup>4</sup>Proinfo: Programa Nacional de Tecnologia Educacional tem como objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva as escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, Estados, Distrito Federal e Municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias. Maiores informações: [portal.mec.gov.br/index/proinfo](http://portal.mec.gov.br/index/proinfo).

A partir dessas experiências venho intensificando as minhas reflexões sobre a prática docente e como estas podem motivar os alunos para o estudo e para sua permanência na escola.

Em 2013 ingressei na Universidade Estadual da Paraíba no Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, com aulas presenciais nas manhãs de sábado e outras a distância, mediado pela Plataforma Moodle. Vale salientar que não tive dificuldade devido à experiência anterior com o Proinfo. Este curso de Especialização veio somar na minha formação enriquecendo minhas práticas profissionais e ampliando meus horizontes de interesses docentes.

### **1.3. DELIMITAÇÃO DO TEMA E DO OBJETO DE ESTUDO**

Muitas são os professores que não utilizam em suas práticas pedagógicas recursos didáticos, como as mídias ou as novas tecnologias educativas, com o propósito de desenvolver a consciência político-social e cultural dos alunos e em função da aprendizagem. O professor preocupa-se com o comprimento do conteúdo programático de livro didático da sua matéria, seguindo obrigatoriamente a sequência imposta pelo livro. As práticas interdisciplinares são escassas e o uso de recursos didáticos é pequeno.

Como professora de História do Ensino Médio, no exercício cotidiano da profissão, pude conforme assinalado no início desta introdução, perceber e conviver com inúmeros movimentos juvenis no ambiente escolar. Estas convivências me fizeram, ao longo da trajetória, me perguntar por que nós professores não aproveitamos escolhas juvenis manifestadas na música, na poesia, na arte plástica e outras formas de materialização da cultura para incrementar nossas práticas docentes? Exemplo desta situação é a presença marcante do interesse das juventudes pelo movimento *Hip Hop*, entretanto não se verifica nas práticas docentes o uso desse movimento para interdisciplinar conceito das diversas áreas de conhecimento.

O movimento *Hip Hop* tem como objetivo central a construção de uma nova imagem do jovem da periferia. O rap (música falada) é o estilo musical a ser estudado, no qual vocalistas e autores atuam como cronistas, narrando os fatos do cotidiano de jovens excluídos, oriundos da periferia. A cultura *Hip Hop* tem como inspiração à luta



dos negros, pobres, índios, mulheres, camponeses etc. Para esse fim, ao escrever as letras de rap, constroem uma imagética que associa o dia a dia da periferia com os processos de violência, subalternidade e exclusão, encontrando no *Hip Hop* um mecanismo de expressão artística e denúncia social.

No labor docente presenciei o interesse, cada vez mais crescente, dos alunos por esse estilo musical. Esta proposta de pesquisa decorre da experiência como professora de jovens da educação básica pública. A proposta da pesquisa justifica-se, portanto, pela abordagem escassa ou reduzida desse tema em estudos acadêmicos.

Neste sentido, uma questão se impõe: por que os professores não utilizam a produção musical do rap como material didático pedagógico de reflexão, discussão e debate em aulas de História, Português, Artes, Religião e de Temas transversais, como elemento indutor de aulas mais significativas e interessantes, associando os aspectos metodológicos à formação política dos jovens?

O professor pode utilizar, em sala de aula, as composições dos *rappers* para refletir sobre os movimentos sociais dos excluídos. E outros temas atuais e polêmicos que podem ser utilizados na pluralidade do currículo do Ensino Fundamental, em favorecimento a formação integral das juventudes. Assim, a investigação pretende estudar a produção musical do rap (música falada) da cultura *Hip Hop* de João Pessoa, como possível material didático interdisciplinar a ser usado na Escola Pública do Ensino Fundamental e Médio Prof José Baptista de Mello, em Mangabeira VII, com a intenção de despertar a consciência educacional e social do jovem.

Acreditamos que a diversidade social expressa nas letras da música que caracterizam o movimento *Hip Hop* irão contribuir para que professores e alunos, mesmo aqueles que não apreciem o rap, avancem nos debates educacionais, fazendo com que a educação cumpra seu papel social e político e esteja em sintonia com a luta pela equidade e da cidadania.

Esta pesquisa pode colaborar com a universidade, já que esta é uma instituição formadora, responsável pelos profissionais que atuarão em nossas escolas. A relevância deste trabalho pode contribuir para que a escola pública dê mais atenção a uma nova linguagem que a “garotada periférica” expressa. Os alunos *raps* escrevem letras falando de suas realidades, abordando questões sociais, econômicas, políticas. Se o educador considerar essa linguagem, tida como crítica e reflexiva, acompanhando esse fenômeno

cultural como tema transversal, provavelmente o processo ensino-aprendizagem se tornará mais dinâmico e participativo.

#### **1.4. O CAMINHO TEORICO METODOLÓGICO – O FAZER DA PESQUISA.**

##### **Caracterização do tipo de pesquisa**

Este estudo se constituiu na investigação do movimento *Hip Hop* entre os jovens do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello de João Pessoa.

O trabalho realizado caracterizou-se como uma pesquisa empírica, qualitativa *in loco*, onde foi realizado um estudo de caso. Nessa investigação buscamos compreender uma realidade geral que é a prática docente, a partir da percepção de uma parte – o uso do das musicas de *Hip Hop* para interdisciplinar as conceitos das diversas áreas de conhecimento.

Para tal, buscamos referências em Chizzotti (2006), que afirma:

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora. (CHIZZOTTI, 2006, p. 102).

Em outras palavras, estudar o geral, a partir de um caso específico, ou relacionar essa particularidade com o geral. Porém, o estudo é feito sem que deixemos de vincular a realidade dessa unidade com a realidade geral do fenômeno. Nos dizeres de Chizzotti (2006),

O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação. (p. 102). É possível, a partir do caso, perceber aspectos da realidade global. Isso porque a unidade está inserida no todo, e que só existe pela junção de todas as partes. Portanto, a proposta de intervenção de determinada realidade tem

fundamento quando parte do julgamento de um estudo de caso. (Idem).

Um questionário aberto estruturado foi aplicado juntos aos grupos de *Hip Hop* intitulados: Menestréis MCs, Profeta Rique SJS, Eliomar DJlil Rocha aluno do 3º ano da EJA e oficineiro de DJ (discjockey) na escola, Douglas aluno do 2º ano do ensino médio da EJA, Fernando Avelino KSM King Soldierman e Pertnaz rap da Paraíba . E aos professores/as que lecionam nas turmas de Ensino Médio da escola. O total de questionário aplicado foi: dez (10) para os MCS e 12 para os professores.

A perspectiva de aplicação do questionário converge com o que nos coloca Gil (2010): o questionário tem por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

Caracterizamos a pesquisa, em relação ao tratamento dos dados, como sendo qualitativa, pois buscamos investigar mais a fundo os significados mais profundos do fenômeno em questão.

Para Minayo (2012), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

As questões contidas no questionário buscaram compreender as práticas docentes e o entendimento dos jovens em relação *ao Hip Hop* e seu aproveitamento pedagógico na escola. Foram norteadas pelos seguintes objetivos:

## **OBJETIVO GERAL**

- ✓ Analisar a produção musical da cultura *Hip Hop* de João Pessoa como elemento do processo educacional e desflagrador da consciência social dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof José Baptista de Mello.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Caracterizar os grupos existentes de *Hip Hop* no Bairro de Mangabeira na cidade de João Pessoa.
- ✓ Descrever a participação dos jovens do Bairro de Mangabeira na cultura *Hip Hop* em João Pessoa.
- ✓ Verificar a adequação da utilização das letras musicais de rappers da cultura *Hip Hop* de João Pessoa como elemento de combate à evasão escolar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello.

### **1.6 Campo de pesquisa e sujeitos**

A escola utilizada como campo de pesquisa possui uma estrutura física composta por nove salas de aula, cinco tipos de banheiros (masculinos, femininos, professores, funcionários e de acessibilidade), uma secretaria, uma cozinha; uma biblioteca, um laboratório de química (em criação) e um de informática (com problemas).

Os alunos atendidos na referida escola são os filhos dos próprios moradores da comunidade. A maioria dos educandos pertence a famílias de baixa renda, seus pais trabalham no comércio do bairro ou autônomos, às vezes aposentados ou pessoas que sobrevivem através dos programas do Governo Federal como a Bolsa Família.

O questionário teve como objetivo conhecer as práticas pedagógicas dos professores que lecionam nas turmas de Ensino Médio e simultaneamente a compreensão dos jovens sobre o aproveitamento das manifestações artísticas juvenis nas aulas. A escolha dessa escola como amostra justifica-se pelo de ser local de trabalho a quatorze anos desta pesquisadora.

Participaram deste processo investigativo professores e jovens estudantes do Ensino Médio. Ambos os grupos serão minuciosamente caracterizados no capítulo três das análises.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. As juventudes e a Escola: contextos e características contemporâneas

Muito avanço teve em nossa sociedade desde o fim da ditadura militar, época de repressão político-social vivida pela maioria dos professores que lecionam nas nossas escolas atualmente. Muitos têm a dificuldade de aceitar ou tolerar as novidades das novas gerações organizadas nas manifestações atuais como a Marcha das Vadias<sup>5</sup>, da Maconha<sup>6</sup>, do Movimento LGBT<sup>7</sup>, Casamento e Adoção de casais homo afetivos entre outros.

Há alguns anos atrás, ao preencher qualquer documento de cadastro, não tínhamos a opção de “outros” ao se referir ao sexo. Um exemplo relevante desta situação é a inscrição de um curso do Eproinfo, que trazem no cadastramento outros com opção. Ou seja, notadamente a sociedade contemporânea tem se permitido dialogar e mudar diante das configurações que marcam esta época. Somado aos fenômenos citados cresce uma geração identificada inicialmente como Y e depois substituída pela Geração Z - atribuições sociológicas as pessoas que nasceram entre os anos 80 e 90, diz:

“a geração y nascida depois dos anos 80, e que se faz da tecnologia não uma extensão do corpo, mas o seu próprio corpo, não somente de forma metafórica, mas de forma real, física, pela aderência de equipamentos tecnológicos que lhe dão mobilidade e desprendimento”. (VEEN, VRAKKING apud MEISTER, 2010, p. 1).

O acesso à informação e a comunicação somada à velocidade é a marca da contemporaneidade; novos conceitos, relacionamentos, possibilidades, problemas, sem falar nas amizades real e virtual, oferece ao jovem um leque de opções. Por outro lado, a

---

<sup>5</sup>Marcha das Vadias – Movimento de protesto contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro, teriam provocado a violência por seu comportamento. Teve início em 03/04/2011 Toronto- Canadá. (Wikipédia)

<sup>6</sup>Marcha da Maconha – Dia de luta e manifestações favoráveis a mudanças nas leis relacionadas à maconha. Acontece anualmente nas primeiras semanas do mês de maio desde 1994. (Wikipédia)

<sup>7</sup>Movimento LGBT – Movimento contra a homofobia de todas as orientações sexuais minoritários e manifestações de identidades de gênero divergentes do sexo desigual do nascimento. Teve início em 28 de junho de 1969 em New York. (Wikipédia)

escola, esta vem disputando com os meios de comunicação em geral formas para atrair a atenção desse jovem.

São filhos e filhas que foram surpreendidas com brinquedos eletrônicos e no horário oposto as aulas da escola executavam muitas atividades extras (Língua Estrangeira, Ballet, Judô, Natação, etc...). Jovens que foram estimulados a realizar tarefas múltiplas e fazer o que querem cada ano mais cedo. Os pais trabalhando os dois expedientes deixam seus filhos os dois horários na escola, passando assim mais tempo na escola do que em casa.

A Juventude é a fase da vida do ser humano entre os 15 e 29 anos, estabelecida pela Proposta de Emenda Constitucional (PEC nº 65) da juventude aprovada em setembro de 2010. É o tempo de vida onde o sujeito começa a estabelecer sua identidade, o comportamento, projeções, expectativas e sonhos que o moldam para vida futura. Todavia, nem todos os jovens encontram acesso em um mundo cada vez mais competitivo. Os jovens das classes sociais privilegiadas adiam o momento do trabalho para se dedicar a profissionalização enquanto os das classes menos favorecidas começam a trabalhar muito cedo. Portanto o professor deve observar e compreender como o seu aluno ou aluna, esta vivendo nesse período etário na sociedade.

A Escola não deve ser sobrecarregada das funções de apoio à juventude, ela não é uma ilha inserida no bairro, território e sociedade. O professor da rede pública hoje dá aulas para jovens que trabalham e para meninas mães, por isso o professor deve estar mais junto da turma e atento ao presente e ao passado que valoriza a sua história, reconhecendo o jovem na sala de aula. Destaca Paulo Carrano:

“os jovens alunos são comumente rotulados de desinteressados pelos conteúdos escolares, apáticos, indisciplinados, alguns violentos, tidos como de *baixa cultura*, com sexualidade exacerbada e alienada, hedonistas e consumistas. Alunos por sua vez, dão testemunho quando se trata de aulas e professores: aulas chatas e sem sentido prático, professores despreparados e “sem didática”, autoritarismos de docentes administradores, espaços pobres e inadequados, ausência de meios educacionais principalmente acesso a computadores e internet e ausências de atividades culturais e passeios.” (CARRANO, 2008, p. 109).

Diante dessa situação ambígua, a escola, o currículo, os métodos devem ser repensados e utilizados na prática com certa urgência porque nossos alunos vivenciam fora dela outro movimento, mais atraente e envolvente: a internet e toda sua capilaridade. A Tecnologia sem dúvida chegou para melhorar nossa vida. No ponto de vista de facilitar a linguagem entre os povos, diminuindo a distância entre as culturas globais. A Escola deve estar preparada para receber e saber usar a Tecnologia Educativa no currículo escolar bem articulado com a situação socioeconômica da comunidade e não só como uma ferramenta a mais.

O professor que usa e apresenta aulas com recurso das mídias, associa-se a nova linguagem, atrai atenção e curiosidade dos alunos, diferencia a sua disciplina, possibilita a atuação protagonista deles, o que certamente influenciará na aprendizagem efetiva destes jovens.

## **2.2A centralidade da cultura juvenil dentro dos Parâmetros Curriculares.**

Na contemporaneidade a cidadania, o exercício dos direitos humanos e a pluralidade cultural têm sido um desafio para a educação, no que se refere à possibilidade de garantir uma aprendizagem efetiva, transformadora de atitudes e hábitos de vida. Trazer o ensino da cidadania como tema transversal para a sala de aula é uma maneira de ajudar o professor a ampliar os horizontes de seus alunos, para que tenham metas definidas sobre seu futuro, fazendo opções mais saudáveis na vida através do desenvolvimento do autoconhecimento e autoestima, preparando-os para um mundo competitivo, nos padrões exigidos atualmente.

Para desenvolver os conteúdos de pluralidade cultural do Ensino Fundamental, devemos ter como guia os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Segundo (MEC, 1998, p. 143,) diz:

“Conhecer a diversidade do patrimônio etnocultural brasileiro, cultivando atitudes de respeito reconhecendo a variedade cultural. Valorizar as diversidades culturais presentes no país, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira. Reconhecer as qualidades da própria cultura, valorizando-a criticamente e enriquecendo, dessa forma, a vivência de cidadania. Desenvolver atitudes de solidariedade em relação às pessoas vítimas de discriminação. Repudiar toda e qualquer forma de discriminação baseada em diferenças de raça, etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais. Exigir respeito para si e para o outro,

denunciando atitudes de discriminação ou qualquer violação dos direitos da criança e do cidadão. Valorizar o convívio pacífico e criativo dos diferentes componentes da diversidade cultural. Compreender a desigualdade social como um problema de todos e como uma realidade que pode ser transformada. Analisar atitudes e situações que podem resultar em discriminação e injustiça social.” (BRASIL, MEC, 1998, p. 143)

O professor, ao utilizar esses objetivos, certamente estaria agindo de forma edificante no desenvolvimento intelectual e moral do seu aluno. E as instituições de educação estariam servindo de apoio real e efetivo aos alunos, respondendo as suas demandas e necessidades, permeando todas as áreas que compõem o currículo escolar, objetivo intrínseco à própria finalidade da escola. Diante da realidade de escolas públicas do estado, nas quais o professor recebe de um a três salários mínimos (mês), funcionários a mais de oito anos sem receber aumento salarial, escolas sucateadas, pais e mães desempregados e violentos, a família dispersa ao ensino aprendizagem de seus filhos etc, uma proposta inovadora de aprendizagem, que interage com as vivências dos alunos, é sempre bem-vinda. No entanto, a escola ainda não está fazendo a sua parte. Não se pode ignorar a multiplicidade de vivências dos alunos, ou ao contrário, o ensino será sempre incapaz e medíocre. Assim Coll (2003) diz:

“A realidade sociocultural e econômica do aluno influencia em seu desempenho, assim como as condições de trabalho do professor e o aparato que o sistema oferece para ele formarem-se e aprimorar sua prática, lamenta que nos últimos anos a escola tenha sido alvo de demandas que estão muito além de seu papel e de sua capacidade de dar as devidas respostas.” (COLL, 2003, p. 8).

Não é novidade que o trabalho do professor se ampliou, passando de meros formadores curriculares para professores multifuncionais, que além de se preocupar com a aprendizagem dos conteúdos curriculares exigidos pelos PCN'S, envolvem-se também com a realidade da escola e da comunidade, com a falta de profissionais na escola, a exemplo de psicólogos, orientadores, supervisores e inspetores, sobre carregando os professores com inúmeras funções. E a família dos jovens com restrições sócio-econômica que não sabem lidar ou não se preocupam com o mundo escolar de seu filho, vem agregar a dificuldade do gosto pela aprendizagem efetiva do nosso alunado.



A Escola deve saber a importância do que é cidadania, uma palavra usada todos os dias em situações diversas, mas que na verdade significa hoje o direito de viver decentemente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que devemos ser capazes de:

“Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio as injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.” (MEC, 1998, p.7, História/Secretaria de Educação Fundamental).

Essas questões aparecerem em pequenos atos que fazem parte do cotidiano escolar e social: não jogar lixo nas ruas, respeitar o sinal vermelho no trânsito, não destruir telefones públicos, não depredar a escola pública ou depreciá-la.

A Pluralidade Cultural é um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/ 2000). O desafio da Pluralidade Cultural é respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem o mosaico étnico brasileiro e mundial, incentivando o convívio dos diversos grupos e fazer dessa característica um fator de enriquecimento cultural. Com ela propomos os respeitar as diferenças, enriquecer-se com elas e, ao mesmo tempo, valorizar a própria identidade cultural e regional. Também lutar por um mundo em que o respeito às diferenças seja à base de uma visão de mundo cada vez mais rica para todos nós. Essas são as questões mais importantes que o século XXI suscita e sobre a qual cada um de nós pode e deve refletir.

Todas as culturas humanas criaram modos de viver coletivamente, de organizar sua vida política, de se relacionar com o meio ambiente, de trabalhar, distribuir e trocar as riquezas que produzem. Mais ainda, todos os povos desenvolveram linguagens, manifestações artísticas e religiosas, mitologias, valores morais, vestuários e moradias. Assim, a pluralidade cultural indica, antes de tudo, um acúmulo de experiências humanas que é patrimônio de todos nós, pois pode enriquecer nossa vida ao nos ensinar diferentes maneiras de existir socialmente e de criar o futuro.

Dentro da Pluralidade Cultural abrimos espaço para estudar sobre preconceito, racismo, o índio, imigração, as diversas religiões, como o judaísmo, o catolicismo, os protestantes, e o islamismo. A pluralidade cultural deve ser trabalhada sistematicamente, desde a primeira fase do ensino fundamental com frequência em todas as disciplinas.

Os processos de educar e fazer cidadania não são estáticos, requerem a integração intersetorial e interdisciplinar, que tem como objetivo principal a integração das várias disciplinas, abordando um tema por diversas visões de mundo, como estão previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

### **2.3. A Música, O *Hip Hop* como manifestação das juventudes na contemporaneidade: situando historicamente.**

Reconhecendo o legítimo espaço da pluralidade cultural no currículo prescrito nacionalmente é preciso compreender com ele se efetiva no currículo prático, ou seja, como as práticas docentes incorporam as diferentes manifestações juvenis. Seguindo a delimitação temática deste estudo, vejamos como o movimento *Hip Hop* materializa na realidade concreta da comunidade Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello.

O *Hip Hop* é um movimento juvenil com influência afro-americana que surgiu e expandiu-se nas décadas de 70 e 80 nos Estados Unidos, época em que proliferam grandes discussões sobre direitos humanos, nesta ordem dos fatos, os jovens discriminados dos guetos se articularam para fazer valer suas propostas e inquietações, ação que denota uma forma de luta em defesa da cidadania.

A cultura *Hip Hop* “é a união de três elementos que são a música rimada *rap*, a dança *break dance*, a expressão visual do grafite”. (ARCE Apud QUEIROZ, 1999, p2). Juntos materializaram uma forma de resistência e luta da juventude contra a violência policial, discriminação racial, desemprego, falta de perspectiva e drogas, consequências do capitalismo.

No Brasil, a cultura *Hip Hop* surgiu no ano de 1980 e tem como berçoo estado de São Paulo. Inicialmente os jovens da periferia se encontravam na Rua 24 de maio, metrô de São Bento, para expressar de forma artística, unindo a música, poesia, dança e pintura em caráter multidimensional.

Na Paraíba, o movimento *Hip Hop* teve início também em 1980 pelo *breck-dance*, aparecendo como primeiros protagonistas os jovens: Valmir Vaz, Dinarte da Nobrega e Fabio Palmeira. Encontravam-se periodicamente no centro de conveções do Espaço Cultural e na calçada da loja de roupas estilizadas *Jet Set* (hoje *Casas Pio*), com apoio do gerente. Foram os criadores, em 1986, do grupo *Elétricos Break*, depois, surgiu o rapper Cassiano Pedra, Nova República. O apogeu do movimento *Hip Hop* se

deu no ano de 2007, quando a rapper Kaline Lima esteve à frente do Forum Municipal de *Hip Hop*, liderando a produção e execução do evento.

A Cultura *Hip Hop* está bastante presente, no contexto histórico atual, em todo o Brasil. Na Paraíba e particularmente em João Pessoa, esse movimento vem organizando e mobilizando centenas de jovens, denunciando o racismo e a discriminação impostos pelo sistema à juventude negra e pobre da periferia. O movimento tem criado uma espécie de esperança de que os jovens, organizados pela dança e música, venham a construir um amplo movimento, através do qual formulem denúncias, expressem solidariedade e lutas antirracistas, a fim de que possa colaborar na construção da equidade entre os homens.

Esses grupos foram influenciando os jovens que logo passaram a inaugurar novos grupos que apareceriam em bairros distintos de João Pessoa. Em Mangabeira, bairro onde se localiza o nosso campo de estudo, alguns grupos se constituíram e hoje são referência para os jovens daquela comunidade, dentre estes, destacam-se: Menestréis MCs, Profeta Rique SJS (Só Jesus Salva- grupo de rappers residentes em outros bairros periféricos que atuam em igrejas de mangabeira frequentadas pelos alunos da Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello, Eliomar DJlil Rocha aluno do 3º ano da EJA e oficineiro de DJ (discjockey) na escola, Douglas aluno do 2º ano do ensino médio da EJA, Fernando Avelino KSM King Soldierman e Pertinaz rap da Paraíba .Os grupos citados tem características comuns, faixa etária entre 17 e 26 anos, entre eles dois veteranos de 30 e 43 anos único com curso superior em História.A maioria ainda cursa o ensino médio, trabalham em funções variadas (Tecnico de Informática, Auxiliar de cozinha, Supervisor de produção, Telemarqueting, Mecânico,etc) e residem próximo a escola no Bairro de Mangabeira VII.

### **3. ANÁLISES**

#### **3.1. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO**

##### **O Bairro de Mangabeira: um pouco da sua história**

A História do Bairro de Mangabeira em João Pessoa é mais antiga do que se imagina. No dia 03/05/1934 por 150.000\$000(cento e cinquenta conto de réis), foi feita a primeira transação imobiliária envolvendo o procurador da fazenda João Santa Cruz

de Oliveira e o procurador dos herdeiros, comendador Antônio dos Santos Coelho originando o primeiro terreno que hoje é o bairro.

Para suprir o grande déficit habitacional que afetava a população de João Pessoa, onde muitos paraibanos fugindo da fome e da seca do sertão e do interior houve a necessidade de abrigar essas pessoas na cidade das acácias provindas do êxodo rural.

O Bairro foi fundado 23/04/1983 com o nome Conjunto Habitacional Tarcísio de Miranda Burity, que aos poucos foi chamado de Mangabeira por que no local existia uma plantação de mangaba. Localizado na Zona Sul da cidade, ocupa uma área de 1.079 hectares e está subdividido em oito partes da Mangabeira I à Mangabeira VIII com aproximadamente 100.000 habitantes, bairro comercial e mais populoso da cidade.

O Bairro de assemelha as grandes cidades do estado da Paraíba. A Avenida Josefa Taveira, a principal do bairro, com 6 km de extensão perdeu o status de residencial, tornando-se polo comercial. A população conta com serviços de 33 escolas públicas e particulares, praças, CAIS (Centro de Atenção Integração à Saúde), Distrito Sanitário III, Complexo Hospitalar Humberto Nobrega, Centro de Ortopedia e Traumatologia (Trauminha), Hospital Maternidade Santa Maria e 26 Unidades de Saúde da Família. Tem sedes Norte- Nordeste da Unimed, Subprefeitura, Academia de Polícia Militar e Civil, DETRAN, Inmetro, Unidade Prisional de Segurança Média e Máxima, CEHAP (Companhia Estadual de Habitação Popular), Escola Técnica Estadual, Casa da Cidadania entre outros.

Na área de Lazer, Cultura e Esportes a população conta com vários locais públicos como a Praça do Coqueiral construída na gestão do então prefeito Ricardo Coutinho, Praça Cristo Rei, Praça da Unimed, Ginásio Hermes Taurino, Campo de Futebol Wilsão, Campo de Futebol Mangabeira IV, Futsal da Associação dos Moradores Prosind I (Sistema Prosind: Soluções Estratégicas para Entidades Sociais) e recentemente construído o Mangabeira Shopping.

O povo “Mangabeirense” tem origem sertaneja (classe B e C). Durante as festas juninas comemoradas a rigor com fogueiras, fogos, comidas de milho e quadrilhas, sendo duas delas destaque na região: Lampião e Tico Mía.

É comum no comportamento dos moradores sentar-se em grupo de familiares e vizinhos na calçada de suas residências, principalmente em noite de lua cheia. Apesar

da violência que marca o maior bairro de João Pessoa, é costume dos moradores mais antigos do bairro. Um povo que ergueu o maior bairro da Zona Sul e de toda a cidade. Assim assinala o rapper Pertinaz, em música sobre o bairro:

“Mangabeira 7, Mangabeira 7, Mangabeira 7,  
Cheia de História pra contar,  
Mangabeira 7, Mangabeira 7, Mangabeira 7,  
Um mundo todo em um lugar,  
Conectado, sem distâncias, sem atraso  
Produzindo um grande futuro  
Reconhecendo o melhor do passado  
Cadeiras nas calçadas  
Fogueiras de São João  
Reuniões nas praças  
Movimentos pra diversão.” (PERTNAZ, 2013)

Neste bairro situa-se a escola, campo empírico onde desenvolvemos nossa investigação para este estudo. Conheçamos um pouco da sua história e estrutura.

### **A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello foi fundada em 16 de Maio de 2000, estando hoje com 14 anos de existência. Está localizado na Rua Manoel Ângelo de Oliveira s/n, no Bairro de Mangabeira VII.

A escola possui nove salas de aula, uma biblioteca, uma sala multifuncional, laboratório de informática sem condições de uso e um de química em formação. No turno da manhã funciona o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, a tarde funciona o Ensino Fundamental I e a noite a Educação de Jovens e adultos oferecendo todas as turmas do Ensino Fundamental e Médio. A Escola oferece projetos do governo federal e estadual: Mais Educação, Revisitando, Programa Saúde na Escola, Eproinfo III – Elaboração de projeto, Sismédio, Se Sabe de Repente, A Cor da Cultura e Escola Aberta.

A Escola trabalha com 601 alunos nos três turnos, 31 funcionários (10 prestadores e 21 efetivos) e 39 professores. Estes professores 32 pertencem a um regime de efetivo da escola, os demais são prestadores de serviço.

Os estudantes matriculados estão divididos em três níveis de ensino, sendo: pela manhã no ensino fundamental II e médio que funciona pela manhã duzentos e trinta e sete, à tarde no fundamental I temos cento e vinte alunos em cinco salas de aula da 1ª a 5ª series e a noite funciona a Educação de Jovens e Adultos duzentos e quarenta e quarto alunos distribuídos em nove turmas da 6ª série do ensino fundamental II ao 3º ano do ensino médio.

### **Perfil dos Professores**

Os professores totalizam 40, todos são graduados, três são especializados possuem a faixa etária de vinte e três a sessenta e cinco anos, percentualmente aproximadamente (15%) tem mais de vinte anos de serviço e estão próximo de aposentarem-se.

Deste grupo selecionamos doze professores. Os doze professores do ensino médio que responderam ao questionário estão na faixa etária 23 a 65 anos, variando de um a trinta e três anos de serviço prestados, só três são prestadores de serviço e nove são efetivos concursados, todos com curso superior completo, três com especialização completa e seis cursando, três com mestrado incompleto e um com mestrado completo.

A maioria não conhece o movimento *Hip Hop*, mas depois que os grupos de rappers se apresentaram na escola quase todos responderam que poderiam utilizar esse tipo de música como pratica pedagógica. Três não utilizariam por que não acham adequado esse tipo de letras que contem palavrões e não combina com disciplinas de ciências exatas. Só quatro já tinham realizado atividades usando essa pratica efetivamente na interpretação textual, análise do discurso e na abordagem do tema sobre violência urbana.

### **Perfil dos alunos da 3ª série do Ensino Médio**

Na turma estão matriculados doze meninos e quinze meninas com faixa etária entre dezesseis e vinte e dois anos. Dos vinte sete alunos, treze tem dezoito anos. Seis

tem bolsa família e todos e todas pretendem fazer um curso superior. Entre as profissões dos pais, encontramos Mestre de obras, Capoteiro, Motorista, Gari, Repórter fotográfico, Balconista, Policial, Cobrador, Militar, Gerente de recursos humanos, Músico e muitos Autônomos.

Só dois alunos trabalham e a maioria reside no Bairro de Mangabeira próxima à escola com exceção de três alunos.

### **3.2 Entrevista**

Neste espaço textual dialogaremos com professores e alunos sobre o que pensam sobre o Hip Hop e seu uso como mediação pedagógica na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello. Os discursos apresentados foram separados em duas categorias as quais denominamos de: categoria 1 – Alunos e *Rappers* e categoria 2 – Professores. O conteúdo transmitido por cada grupo referenda sua idéias e concepções e nos ajudam a entender as motivações que afastam o professor de fazer uso das culturas manifestadas pelos jovens da escola.

#### **Categoria 1: Alunos e ou *Rappers***

Essa categoria reúne apenas os alunos que estão diretamente envolvidos com o movimento *Hip Hop*, para esse grupo fizemos a seguinte pergunta:

É possível utilizar o trabalho do *Hip Hop* na escola para desenvolverem atividades pedagógicas com os alunos?

A resposta dos entrevistados foi unânime na concordância de que é importante a escola deve utilizar esse estilo musical como mediação para as práticas docentes, aliás, os entrevistados deste grupo ao responderem a questão sugerem outros estilos musicais e culturais para fins pedagógicos.

Entre várias respostas, a do aluno e oficinairo de DJ da escola Eliomar Rocha Neto diz “é muito importante que a escola adote essa metodologia de ensino unindo o útil ao agradável. Ocupando o tempo dos alunos com ensinamentos e lições de vida”, vida que para ele às vezes precisa ser reavaliada e o *Hip Hop* tem “um papel importante dentro da escola e no trabalho de conscientização, de resgate e de prevenção” conclui Eliomar. O Matheus Diniz da Silva de 18 anos e cursando o 1º ano do ensino médio

acha que “pode sim, até porque de certa forma chama atenção dos jovens querendo ou não, na forma do grafite, na música e também na Dança, pode ajudar muitos jovens”.

É verificado no discurso dos alunos ouvintes, seguidores e mesmo *rappers* certa “consciência” que o preconceito existe em relação a esse tipo de música e das pessoas que participando movimento *Hip Hop* e até concordam que no rap existe sim o lado negativo que usa da música para fazer apologia às drogas e ostentação.

“O grande objetivo dessa pesquisa é mostrar exatamente o outro lado do rap, concordando com essa ideia”.

Esse comentário feito pelo *Rapper* Jean Galdino da Silva de 22 anos é decorrente do grande contato que tivemos com o grupo e o incentivo que indiretamente damos quando utilizamos as letras em nossas aulas de História, ele complementa.

“Devo a minha integridade ao *rap* e ao *Hip Hop*, todo tipo de música tem um lado bom e ruim, o *Rap* infelizmente tem também, mas temos que saber utilizar as ferramentas ou o trabalho não será bem feito”.

Ao indagarmos sobre o trabalho ao qual se refere o *Rapper* confirma o que já sinalizamos, fazer o trabalho é compreender esta sociedade e as injustiças que nela ocorrem, é denunciar, é não calar. Complementando a fala do Jean, outro rapper o Daniel Cardoso da Silva Filho também com 22 anos afirma, “o *Hip Hop* toma o espaço que o crime quer por isso desde cedo devemos conhecer o *Hip Hop*, descarregarmos nossa revolta na arte que transforma”.

Essa frase reforça o caráter educacional do qual saímos em defesa. É possível associarmos as produções que a juventude cria e gosta em benefício de uma prática docente diferenciada, que aglutine os saberes dos alunos com os saberes formais. A fala reivindica uma escola que realmente esteja voltada para os alunos e para eles crie um cotidiano favorável para a sua aprendizagem.

## **Categoria 2. Professores**

Neste grupo a pergunta feita foi semelhante aos demais:

- É possível utilizar as músicas de *Hip Hop* como mediação pedagógica na escola, na sua disciplina?



A maioria respondeu desconhecer o movimento *Hip Hop*. E essa resposta nos nosso ponto de vista é uma espécie de negação que pode está associado ao preconceito. Apesar de desconhecermos o uso do *Hip Hop* como mediação das práticas docentes na escola estudada, mas também podemos afirmar que é comum encontramos algumas manifestações nos corredores e áreas abertas da escola.

Uma das respostas que nos chamou a atenção foi à dada por um professor de Língua Portuguesa com oito anos de magistério, “ainda não usei, mas utilizaria sem problemas, desde que o contexto, o conteúdo e os alunos achassem pertinentes”.

Como é verificado nas falas dos alunos há uma autêntica convergência de gosto pelo estilo musical em pauta, sendo o estilo não utilizado e até inviabilizado pelos professores. Quando o professor faz tal afirmação é usar uma “meia culpa” talvez em função da pesquisa. Ora, o professor não sabe que os seus alunos gostam ou simpatizam com o ritmo, dança e letra do *Hip Hop*? Quando ele irá saber? Ou quando tirará as vendas dos olhos?

Outras respostas a esta questão, apresentavam justificativas pouco contundentes, “tenho vontade de trabalhar rap americano, mas fica impossibilitado por causa dos recursos utilizados (data show e notebook) e também pelo conteúdo na real da música, às vezes trazem muitos palavrões, por isso evito trabalhar com essas músicas na sala”.

Esta resposta vem da professora de Inglês, 33 anos e um ano de magistério. Verifica-se que a professora usa a generalização como mecanismo de negação. Não se pode dizer que todos os raps contém um vocabulário inadequado para a escola. O exemplo dado na categoria um deixa muito visível às inúmeras variações linguísticas e ideologias delas decorrentes. Igualmente, alegar a falta de equipamentos para não efetivar um trabalho, neste caso, que necessariamente exige certo envolvimento dos expectadores é observar os apelos da juventude estudantil. Sabemos que os problemas estruturais das escolas públicas são recorrentes e concretos, mas há muitas maneiras de minimizar as circunstâncias.

Nesse contato com os professores pudemos constatar que pelo menos quatro do grupo consultado já tinham realizado atividades usando essa pratica efetivamente, os professores de Língua Portuguesa, Geografia e Artes (além da minha disciplina História).

A professora de Português da EJA, 33 anos, cinco anos de magistério, concursada, faz a seguinte afirmação; “usei músicas de Crioulo, Carol Conka entre outros para realizar interpretação textual e análise do discurso”.

Já o professor de Artes, 51 anos, vinte e sete anos de magistério, efetivo na rede, usou o rap em sala na abordagem do tema sobre violência urbana.

O que se percebe na opinião dos professores de comunicação e expressão e Humanas da Escola Estadual Ensino Fundamental Professor José Baptista de Mello é que a maioria não conhece e nunca utilizou o rap em suas praticas docentes. Os professores das ciências exatas não veem com simpatia o uso dessa proposta mediadora na sua disciplina.

A falta de conhecimento do Movimento da Cultura *Hip Hop* pela comunidade escolar pode ser um dos empecilhos para que tema chegue à sala de aula.

## **REFLEXÕES FINAIS:**

*A Kultura Hip Hop* suporta um dialogo e uma ação que cura a divisão na sociedade, aborda às preocupações legítimas da humanidade e faz avançar a causa da paz. (Declaração de Paz do Hip Hop – 14º artigo).

A Declaração de Paz do Hip Hop foi assinada em 16 de Maio de 2001 por várias organizações como UNESCO, ONU e ativistas do Hip Hop. Reconhece como cultura internacional da paz e prosperidade, de caráter pacífico, formando e buscando a paz mundial.

Considerando o tema de estudo desse trabalho, o Movimento Hip Hop vem ampliando sua participação nos espaços da sociedade. A participação de rappers nas igrejas, rap na campanha de fraternidade de 2009, rap na abertura de novelas, entrevistas nos programas educativos e entreterimento nas emissoras de tv e nas redes sociais envolvendo o jovem a trabalhar a cultura da paz numa sociedade tão desigual e muitas vezes com leis injustas.

A Escola não deve ficar de fora dessa interferencia positiva que esta quebrando paradigmas entre alunos e professores. O estudo de caso com os grupos de rappers que participaram dessa pesquisa deixa claro o envolvimento agradável de identificação dos jovens com as letras e estilo do movimento Hip Hop entre eles.

No inicio deste estudo, ao entrarmos em contato com os grupos de rappers, sentíamos a resistencia por parte do corpo docente em trabalhar esse tipo de musica que se mistura a um estilo de vestir e que são lidos pelos professores como pessoas violentas, criminosas, etc.

Depois de planejar e executar uma apresentação na comemoração dos quatorze anos da escola (16 de Maio de 2014), os colegas professores, coordenadores, funcionarios e alunos mais retraidos se surpreenderam com as letras. Os apelos manifestados nas letras contagiou uma parte dos professores.

Certamente ainda precisamos avançar, temos que estudar as letras e relacioná-las com o tema da nossa disciplina, antes de apresentar para nossos alunos, pratica que é adiada por inúmeras questões que acabam dificultando e cercam a vida do professor (a) brasileiro no uso alternativo de uma aula diferente para nossos alunos.

Igualmente a escola pode investir nestes alunos que são adeptos do *Hip Hop*, criando espaços para suas apresentações, incentivando-os a novos textos e até mesmo textos temáticos, favorecendo a atração de mais alunos para a escola e até mesmo para a sua permanência.

Finalmente, como foi apontado ao longo deste texto, o uso do hip hop como mediação da aprendizagem ainda é incipiente e fragmentado, contudo o mesmo ocorre com outros tipos de manifestação cultural como mediadora da aprendizagem, o que comprova que a escola e os professores, apesar de todo o avanço da sociedade que tem favorecido mais formações profissionais, mais acesso ao conhecimento, ainda reproduzimos uma prática docente tradicional e pouco atrativa para os alunos.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, ADJAIR. Galeras e o movimento de cultura de rua, em Caruaru. In: **Por uma cidadania alternativa**, João Pessoa, Editora Ideia, 2003.

BUARQUE, CRISTOVAM. **A aventura da universidade**. São Paulo: Editora da Universidade Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BARDUVÍ, L. **Análise de conteúdo**, Lisboa, p.223, Edições 70,1979.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais** /Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998,436p.

CALADO, Alder Júlio, **Por uma cidadania alternativa**. Estudos dos campos Políticos e Partidários, do Movimento de Cultura de Popular, Educativo, Direitos Humanos e do Trabalho, publicado em João Pessoa, Editora Idéia, 2003.

COLL, César, **Currículos devem mudar**. Nova Escola, edição 167, pi 8, novembro, Fundação Victor Civita, Abril, novembro, 2003.

DURKHEIN, Emile, **O criador da sociologia da educação**. Nova Escola, edição 166, p66, Fundação Victor Civita, Abril, Out, 2003.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, Dissertação e Tese. Revisão M<sup>a</sup> Aparecida Bessana, São Paulo: Pioneira, 1997, 315p.

QUEIROZ, TEREZA C. NOBREGA,  
<http://www.cchla.ufpb.br/caos/indexQ5html> João Pessoa - Número 5 - Agosto de 2003 Revista CAOS - DCS - CCHLA – UFPB

Identidades Culturais Juvenis e Escolas: Arenas de conflitos e Possibilidades, pg. 109, Coletânea 3: Sujeito, Cultura e Contemporaneidade, Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, 2013, UEPB, (Publicado originalmente In: MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. (org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e praticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008, p.182-2010.

Sites:

[www.youtube.com/watch?v=cy80rl\\_Menstréis](http://www.youtube.com/watch?v=cy80rl_Menstréis)

[www.youtube.com/results?search\\_query=Pertinaz+mangabeira+rap](http://www.youtube.com/results?search_query=Pertinaz+mangabeira+rap)

<http://www.siderurgia.tk/2013/05/A> Declaração de Paz do Hip Hop.html

[http://www.youtube.com/watch?v=b4bzv30b\\_68/](http://www.youtube.com/watch?v=b4bzv30b_68/) Nós da Educação- Paulo Carrano

## **APÊNDICES**

**Apêndice 1: Questionário aplicado com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio**

**Universidade Estadual da Paraíba**

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**

**Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e a Distância.**

**Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares**

Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello

João Pessoa, 20 de junho de 2014

Monografia: A utilização do hip hop como mediação pedagógica na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello: possibilidades de mudanças na prática docente

Autora: Eva Maia Leite (Professora de História)

Perfil do alunado do 3º ano do Ensino Médio Diurno

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Nº de filhos: \_\_\_\_\_

Profissão do Pai: \_\_\_\_\_

Profissão da Mãe: \_\_\_\_\_

Sua Profissão: \_\_\_\_\_

Tem Bolsa família: \_\_\_\_\_

Pretende fazer um curso superior: \_\_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_

Qual a mensagem da apresentação dos rappers do Movimento Hip Hop esse ano durante a comemoração do aniversário ( 16 de Maio) da nossa escola deixou para você?



## **Apêndice 2: Questionário aplicado com os estudantes rappers**

**Universidade Estadual da Paraíba**

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**

**Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e a Distância.**

**Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares**

Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello

- Data:
- Nome:
- Endereço:
- Idade:
- Grau de Escolaridade:
- Estado Civil:
- Profissão:
- Fale um pouco sobre você, como pessoa e como artista.
- O que é a Cultura Hip Hop para você?
- Qual a relação entre Escola e Hip Hop?
- É possível utilizar as músicas de Hip Hop na escola?

### **Apêndice 3: Questionário aplicado com os professores**

**Universidade Estadual da Paraíba**

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**

**Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e à Distância.**

**Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares**

Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Prof. José Baptista de Mello

- Data:
- Nome:
- Endereço:
- Idade:
- Grau de Escolaridade: Superior Completo (  ) Incompleto (  )  
Especialização Completo (  ) Incompleto (  )  
Mestrado Completo (  ) Incompleto (  )
  
- Disciplina que leciona:
- Tempo de Magistério:
- Servidor: Efetivo (  ) Prestador de Emergência (  )
- Você conhece a Cultura Hip Hop?
- Você já utilizou letras musicais de rappers da Cultura Hip Hop como mediação pedagógica na sua sala de aula?
- Se sim, como?
- Se não, utilizaria?

Fotos







